MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

Elogio a Maria Helena da Rocha Pereira
(Porto 3.9.1925–Porto 10.4.2017

Telmo Verdelho

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2025

Título: Elogio a Maria Helena da Rocha Pereira
Edição: Academia das Ciências de Lisboa
Data de edição: 2025
DOI: _____

Elogio a Maria Helena Da Rocha Pereira

(Porto 3.9.1925 – Porto 10.4.2017)

Telmo Verdelho

1.

Uma longa história do louvor das mulheres, a "magna laus mulieris", preenche a memória cultural que sustenta a nossa humanidade. A companheira do homem, parceira e senhora, foi endeusada na Grécia antiga, com destaque para o trio soberano de Afrodite, Atena e Hera ou para as divas latinas Vénus, Juno e Minerva. No texto bíblico, especialmente no *Cântico dos Cânticos*, foi a mulher proclamada como a beleza universal: "Tota pulchra es"! Retomada na liturgia cristã, num hino famoso de louvor à mãe de Jesus. E fora do âmbito religioso, desde a Idade Média e ao longo de toda a Idade Moderna até à atualidade, correspondendo à parte mais importante de todas as artes literárias, plásticas e musicais, a galeria do bem e da beleza feminina é abundante e esplendorosa e exultante como a poesia das flores e o mistério das estrelas. A mulher, companheira e mãe, desafia o indizível na memória acumulada da palavra e dos símbolos.

Em todo o caso, o louvor das mulheres, no discurso dos nossos antepassados, ressoa quase sempre como melodia intermitente duma concessão retórica. A magnanimidade masculina da "laus mulieris" esconde geralmente a reserva mental duma adversativa desqualificadora.

— Sim a mulher é um desafio da beleza e da harmonia!

E há mulheres ilustres na religião, na literatura, na política e até na ciência.

Há mulheres ilustres, apesar de tudo!

E esta concessiva parece denunciar toda a maldade dos homens.

Os filósofos antigos autorizaram essa iniquidade. Todos, com grande saliência para o soberano Aristóteles, que julgou a mulher inferior ao homem e "animal imperfeito"!

Mas Aristóteles, ele próprio, com plena consciência da sua duvidosa perfeição, não pode coonestar o seu critério. Dizem que adorava a mulher com religiosa devoção e que de joelhos lhe prestava culto como em altar de divindade.

Imperfeita a mulher? sublime imperfeição!

A excelência feminina podia ser apropriado objeto deste discurso. Todavia, mais do que a condição de humanidade em género, o que sobretudo nos motiva neste encontro, é a humanidade em ciência, o amor da sabedoria, e a exemplaridade virtuosa do trabalho intelectual duma Senhora Dona Mulher, Doutora, Professora, Cientista e Académica nesta instituição, que tanto honrou e continua a honrar como Académica Emérita.

2.

Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira é um privilégio da nossa contemporaneidade.

E não é sem um frémito de emoção e de alguma aventurada ousadia que me desempenho desta obrigação regimental, com inquieta consciência do contraste entre a dotação de pouca suficiência que me assiste, e o engenho grande e admirável da minha predecessora.

O desejo me anima de que estas palavras, apesar de tudo, possam ser favorecidas pela condição de discípulo e pela ordem dos afetos, pela muita estima e natural admiração de colaborador modesto, mas reconhecido e recompensado.

Como aluno, muito embora mau estudante, faço prova de gratidão e relembro com saudade e apreço, quanto as palavras e poucas luzes mo permitem, a sua lição ilustrada e auferível.

Em meu favor o declaro. No ano escolar de 1962–1963, tive o privilégio de frequentar na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a disciplina de História da Cultura Clássica. Fui um frequentador, em todo o caso, modesto e bem pouco merecedor da abundância de saber e da preleção munificente, douta e generosa, oferecida nas aulas da Professora Maria Helena da Rocha Pereira.

Esse foi, desde logo, o primeiro momento de aprazível surpresa e de acatado respeito pelo magistério universitário, pelo porte exemplar e edificante, e pela cidadania esclarecida que ao longo de mais de meio século nos vem felizmente concedendo, e que nunca saberemos suficientemente agradecer, como benemerente companhia de caminho andado, e consócia nossa, nesta Academia e no horizonte alargado da intelectualidade e da cultura portuguesa.

Naqueles anos remotos (já cinco décadas são passadas), a surpresa dos estudantes novatos foi em tom de boa esperança, e encontrava fundadas razões no desempenho letivo da professora, na sua elegância discreta, no discurso fluente

e cristalino, e sobretudo na sua graça delicada, acolhedora, mas autorizada e um tanto imperscrutável. A empatia e excelência pedagógica da docente, justamente nesse ano de 1962 provida, em provas públicas, como professora extraordinária, a sedução deslumbrante da memória e da mensagem greco-latina e a sua explanação tão graciosa, como vinda dos lábios jovens da primeira doutora da Universidade de Coimbra, foram certamente importantes e notados fatores de integração acolhedora, no percurso escolar dos alunos de Letras dessa geração.

Nesse tempo, os estudantes (e éramos muitos, mais de 300 alunos, que inauguravam a frequência universitária, num tempo em que se iniciava o processo de democratização do acesso à universidade, e em que todos os cursos tinham a História da Cultura Clássica como base curricular matricial), nesse tempo, os estudantes sabiam os nomes dos professores. A Faculdade de Letras de Coimbra tinha na área das filologias um escol notável de grandes mestres (todos eles ilustraram esta Academia como sócios de referência). Relembro os nomes de Álvaro Júlio da Costa Pimpão (1902–1984), José Gonçalo Herculano de Carvalho (1924–2001), Manuel de Paiva Boléo (1904–1992), Paulo Manuel Pires Quintela (1905–1087), Américo da Costa Ramalho (1921–1913); e entre eles distinguia-se já Maria Helena da Rocha Pereira, uma senhora Doutora entre os Doutores.

3.

Ingressou na Faculdade de Letras como aluna em 1942; em 1951, superada a retardada estranheza dalguns elementos do corpo professoral masculino, foi contratada como assistente; frequentou, entretanto, como bolseira, em Oxford, cursos dos mais prestigiados mestres em estudos clássicos; e em 1956 obteve o grau de doutora; e acedeu à cátedra em 1964.

Foi a primeira entre as mulheres (reiteramos a notícia) a pleitear a graduação doutoral, até então reservada, tão secular e arrastadamente, a candidatos masculinos. Apresentou uma dissertação de erudita e cativante curiosidade, intitulada *Concepções Helénicas de Felicidade no Além, de Homero a Platão*. O ato decorreu com alguma tensão, mas com grande solenidade e, para além da sua relevância simbólica, marcou o momento inicial duma carreira universitária que seria assinalada pela singularidade e pela excelência. O trabalho teve auspicioso acolhimento, foi objeto de referências elogiosas, e sobretudo afirmou e comprovou a preparação e idoneidade científica da autora para um promissor percurso de investigação

e de docência que perfaz agora mais de sessenta anos, efetivamente preenchidos com uma laboriosa produção que honra a Universidade e a Academia, enriquece o património intelectual, aproveita aos vindouros, e nos impõe uma grata e reconhecida admiração.

Floresceu fecunda e esplendorosa no grande jardim das ciências humanas, no canteiro privilegiado da língua, literatura e cultura greco-latinas, com especial predileção pelo estudo da Grécia antiga, da língua e da sua fascinante mensagem, em todos os domínios da elaboração pensamental e da criação artística.

4.

Parece até que não por acaso, o seu nome é Helena — Nome de muitos e cintilantes sentidos e de grande ressonância nas literaturas e na criação cultural de todo o mundo, incluindo a portuguesa (em Camões perpassa frequente a "formosa e bela Helena", na epopeia e na lírica). Se indagarmos os sentidos da quadriga hermenêutica, o sentido alegórico, o sentido moral e o sentido anagógico, poderemos entendê-lo como referência alargada à grande ficção da narrativa homérica, como evocação do fascínio e da beleza feminina, e sobretudo como alusão transtemporal da irrequietude, do amor, da competição conflitual nos impulsos da civilização.

Mas, o primordial e literal sentido, aquele que mais apropriadamente entendemos é o que nos dá simplesmente a tradução vernácula: "Helena" significa em português "grega". E pela sintonia do seu nome podemos confirmar que Maria Helena da Rocha Pereira, mais que nenhum outro português, assumiu como grande estudiosa e cientista a melhor e mais ancestral mensagem da língua e da cultura gregas.

Na tradição escolar portuguesa, incluindo a tradição universitária, o estudo do grego foi sempre pouco incentivado e até prejudicado por uma pedagogia displicente, que pode ser mal lembrada nessa epigramática expressão "graecum est, no legitur", repetida como um dito espirituoso, mas que vale hoje como indiscreto testemunho de indigência e de ignorância consentida.

5.

Ingloriosa, essa tradição de pouca memória, foi felizmente contrariada pelo empreendimento escolar, pela investigação, por eruditas publicações e pelos

ensinamentos de boa ciência da Professora Helena, Helena da Rocha Pereira. O seu desempenho profissional e a sua obra assumem a dimensão de um acontecimento de referência, na história da educação em Portugal. Teríamos que descer longamente nos séculos, até aos anos em que Camões seria ainda jovem estudante, para encontrarmos alguma sugestão de semelhança, no estudo do grego e da Grécia antiga. Aires Barbosa, lecionou em Salamanca, e Vicente Fabrício, celebrado mestre alemão, ensinou em Coimbra, no tempo de D. João III. Diz-se que lia e "comentava Homero sem o traduzir do grego para latim, como se estivesse na própria Atenas". O testemunho é de Clenardo, provavelmente um pouco hiperbólico (Cerejeira, 1974, I, p. 114). Depois destes houve certamente estudiosos e curiosos da língua grega, e foram mesmo publicados alguns manuais escolares nos séculos XVII, XVIII e ainda no século XX. Todavia, como Maria Helena da Rocha Pereira, nenhuma outra figura teve a distinta relevância e o mérito de representar e integrar a língua e a cultura gregas na qualificação universitária portuguesa; e sobretudo, ninguém, como ela, abriu entre nós a via de acesso, pela tradução e pela análise textual e ensaística, à literatura, à arte e ao pensamento da Grécia antiga e, também como ninguém antes, rastreou a sua reminiscência intertextual na literatura portuguesa.

Com um horizonte bem instruído e muito alargado, abrangendo naturalmente os aspetos mais relevantes, a herança literária, a gesta homérica, a tragédia, a lírica e a historiografia, que preenchem a parte mais importante da sua obra em publicações de grande primor filológico, ou em manuais de grande extensão escolar; mas abrangendo também o quadro pensamental e as soluções de civilização que ainda hoje nos tocam e nos inspiram: os jogos olímpicos; as artes plásticas gregas, escultóricas e pictóricas; e ainda a investigação arqueológica que ao longo do século XX trouxe inovadoras informações.

Ela acompanhou com permanente esforço de atualização os congressos de especialidade e as publicações mais importantes e inovadoras nesta área de saber. Escreveu dezenas de recensões críticas, escrutinando o espaço editorial, e registou em numerosas resenhas informativas a notícia das muitas reuniões científicas referentes aos estudos clássicos.

6.

É grande, admirável e digna de todos os louvores, a obra produzida e publicada por Maria Helena da Rocha Pereira. Extraordinária pela dimensão;

excelente pela qualidade; e fecunda e proveitosa pela sua ampla difusão e interação na escola e no público em geral.

Em cerca de setenta anos de escrita acumulou uma copiosíssima e autorizada bibliografia, progredientemente acolhida no espaço de leitura da língua portuguesa, como um tesouro cultural e científico, muito amplo de referências temáticas, e especioso e denso de conhecimentos e de lição de sabedoria.

É uma obra imensa em que tanto avulta o próprio esforço físico, a disciplina do corpo, sacrificado em anos longos de trabalho; como a atividade mental e a mobilização do espírito, insaciável na abundância do saber. A aplicação à escrita e à solicitação escolar, a diligência no estudo e na pesquisa, e muito especialmente, a perspicácia intelectual, o génio crítico, a amplidão do conhecimento e o talento ensaístico e criativo, tudo se conjugou nesse faustoso legado, que tão magnanimamente nos foi oferecido.

A inventariação sistemática desta copiosa produção encontra-se disponível e satisfatoriamente indexada nas duas principais coletâneas de artigos, publicados "in honorem", nas revistas *Biblos* e *Humanitas* da Faculdade de Letras de Coimbra, precedidas de notas introdutórias, de gratulante encómio, assinadas por Aníbal Pinto de Castro, na primeira, e José Ribeiro Ferreira, na segunda. São bibliografias cuidadosas e próximas da exaustividade, a que será, no entanto, necessário acrescentar os muitos títulos publicados nos últimos 20 anos.

O registo catalográfico aproxima-se dum número raramente quantioso, reúne cerca de 700 títulos. Descontando algumas reedições, fica-nos, assim mesmo, uma estatística que desafiaria os limites olímpicos da produção pedagógica e científica.

O objeto é amplo, especioso e fascinante.

Percorre e granjeia, com rara fertilidade, quase todos os campos da tradição filológica, clássica e portuguesa. Inclui as línguas, as literaturas, a arte, a cultura clássica em geral; o pensamento grego e greco-latino e ainda as atividades de extensão pedagógica e translatória.

Sistematizando um pouco a análise, sem perder a perspetiva abrangente, mas elegendo apenas os vetores considerados mais importantes, podemos salientar, nesse conjunto imenso, três aspetos arquitextuais e particularmente auferíveis:

Em primeiro lugar a referência greco-latina: os estudos clássicos (englobando a filologia, literatura, arte, história e pensamento greco-latinos).

Vem depois a filologia e a literatura portuguesas, onde cabe a reflexão linguística e a memória poética e a história e a crítica literárias.

Finalmente, a extensão pedagógica e a interação científica e cultural, com relevo para as antologias de textos, cuidadosamente traduzidos, e para a colaboração em publicações científicas de difusão enciclopédica.

7.

A referência greco-latina é omnipresente e repercute-se naturalmente em quase toda a obra. É também o domínio em que primeiro se revelam os dotes de estudiosa, de pesquisadora e de cientista.

As duas publicações de maior vulto inaugurais da sua bibliografia, as dissertações de doutoramento e do concurso para Professor Extraordinário foram, em boa hora reeditadas em 2013 pela Imprensa da Universidade de Coimbra, tornando mais acessível a sua leitura, em todo o caso, sempre aprazível.

A tese de doutoramento (a que já fizemos referência), sobre "Concepções de felicidade no além, de Homero a Platão", foi apresentada em 1955, mas teve trânsito em ato académico, com êxito de magno louvor, em 1956. É um trabalho escrupulosamente fundamentado na leitura dos textos originais. Percorre as epopeias de Homero, examina e compendia a informação pertinente nas descrições literárias e nos temas de Hesíodo, Píndaro, Aristófanes e de Platão, entre outros. Além do conhecimento elaborado, no âmbito das motivações existenciais e religiosas da cultura grega antiga, este trabalho teve o inesperado mérito de renovar, no horizonte dos estudos clássicos em Portugal, a metodologia da investigação, a hermenêutica e a leitura crítica dos textos originais, bem como a validação imprescindível das fontes. Trouxe para a universidade portuguesa a lição dos bons modelos oxonianos, de mestres de grande referência internacional, como o irlandês Eric Robertson Dodds (1893–1979) que foi orientador do trabalho, e que tinha acabado de publicar um ensaio eruditíssimo e fascinante sobre "Os gregos e a irracionalidade", com itens duma candente atualidade, tais como "a culpa e a vergonha" ou "o medo da liberdade" (Dodds, 1951).

As provas públicas para Professor Extraordinário, em 1961, foram sustentadas com a apresentação de um novo volume intitulado: *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte*. O título é apenas um indicador. Trata-se, para além do "fragmento", duma leitura alargada de Anacreonte, que foi

celebrado, entre os românticos, como o poeta da lírica melodiosa e das rosas, do gosto de viver e do amor com cabelos brancos; e que é revisitado neste trabalho e, julgo que, pela primeira vez estudado em língua portuguesa. Tal como o volume anterior, é uma análise de meticulosa indagação e de filológico rigor. Antes de discutir o problema da autoria, injustificadamente associada a Anacreonte, a autora procede à revisão crítica do conjunto de fragmentos, resgatados e reconstituídos, que perfazem o conjunto da obra atribuída ao poeta de Teos.

Em todo o caso, Anacreonte não parece ter sido o autor mais escolhido, entre os seus prediletos, ainda que tenha sido retomado em artigos e recensões críticas e frequentemente citado em vários ensaios.

Os estudos da Cultura Clássica, depois das provas de institucionalização académica, recebem novo impulso. Sucedem-se as publicações de investigação erudita e de elaboração de conhecimento, em ritmo crescente ao longo dos anos, e com aperfeiçoada qualidade, acribia e vastidão de saber.

Tornou-se familiar com a mais fina flor dos autores antigos: Homero, Píndaro, Aristóteles, Platão, Hesíodo, Pausânias, os trágicos Ésquilo, Sófocles e sobretudo Eurípedes e, de um modo geral, quase todos os poetas e historiadores da herança grega. Também entre os romanos Virgílio, Horácio, Cícero, e quantos mais, da memória latina, reentram no espaço universitário e cultural português, pelo estudo, pela leitura e muitas vezes pela tradução, de Maria Helena da Rocha Pereira. Toda essa pléiade se encontra estudada e repercutida em livros, em artigos e recensões, em comunicações de encontros científicos, em numerosas entradas de publicações enciclopédicas e, naturalmente, nos manuais de apoio aos cursos de História da Cultura Clássica.

Relembramos neste conjunto, pela sua excecional relevância internacional, a edição crítica da obra do geógrafo grego Pausânias (do séc. II, dito o Periegeta) "Descrição da Grécia" com o título latino *Graeciae Descriptio* no grego original Ελλαδος περιηγησις – [*Helládos Periēghēsis*], em 3 volumes, 1973, 1977 e 1981, reeditados nos anos 90, pelo prestigiado editor Teubner de Leipzig.

Nesta publicação sobressai a especial competência linguística no grego antigo, e depois, a filologia esforçada, rigorosa, e sempre fiel na devoção à palavra e ao seu entendimento. Porque para ser filólogo não basta saber muitas palavras, é preciso escutá-las com paciência e adivinhar os seus segredos.

Esta mesma dedicação filológica pode admirar-se aplicada ao texto medieval, latino e à sua tradução para português, nas edições das obras de Pedro Hispano, nas hagiografias de S. Rosendo e de Santa Senhorinha de Basto, e na Vida de S. Teotónio.

8.

Parte importantíssima da obra de Maria Helena da Rocha Pereira é dedicada à filologia e à história da literatura portuguesas e muito especialmente a um pesquisado e erudito recenseamento dos temas clássicos na poesia. Trata-se provavelmente do conjunto de mais aprazível leitura e também mais auferível pelo público mais geral. Compõe-se de um bom número de estudos e ensaios que se foram distribuindo em muitas e dispersas publicações e depois parcialmente coligidos, a partir de 1972, em vários volumes, sob o exergo de "temas", ou de "estudos".

O espectro de leitura é amplíssimo. Convoca, naturalmente, a herança greco-latina e quase toda a memória literária portuguesa. "É seu traço de união (declara a autora em "Nota Preliminar") o facto de procurar captar, de vários ângulos, a presença da Antiguidade Clássica nas Letras portuguesas" (Pereira,1988, p. 7).

O mais impressionante é a inesgotável erudição mobilizada como fonte luminosa que esclarece, fundamenta e delimita a informação e promove o conhecimento.

Quando nos damos o prazer de compulsar esses textos, por interesse do estudo, ou simplesmente pelo gosto de ler e de saber, ressentimos uma comovente impressão de estarmos perante uma interlocutora, autora, que preencheu a sua vida com um assíduo e prolongadíssimo tempo de leitura; que soube apoiar o seu trabalho numa eficiente metodologia de organização e acumulação das notas de estudo e de informação compendiadas; e finalmente, condição não negligenciável, que foi dotada duma prodigiosa retentiva, certamente muito superior às faculdades de memória do comum dos mortais.

A abundância de leituras e de fontes citadas, com rigor, propriedade e acribia é especialmente notável nos estudos, bem numerosos, de análise intertextual. Abrange todo o percurso literário, mas recenseia preferentemente o património poético, desde os clássicos do século XVI, com especial incidência na obra de Camões, até aos mais próximos contemporâneos.

A leitura dos seus estudos é sempre para nós um jubiloso momento de contemplação da inteligência. E são tantos e tão interessantes, que dificilmente se poderá dizer qual o melhor entre a grande variedade dos ótimos.

É considerável a memória de autores antigos relembrados e testemunhados, mas, mais ainda surpreendente, é a galeria de incontáveis poetas portugueses clássicos, modernos e contemporâneos citados, com incidências intertextuais da memória greco-latina.

A receção da literatura greco-latina na escrita em língua portuguesa era, em grande medida inapercebida, antes destes estudos. Com exceção do levantamento das fontes de Camões, a história da literatura portuguesa ignorava grandemente o enorme caudal deste influxo criativo, sobretudo na poesia das últimas décadas, e em tantos escritores, e com tanta e inesperada incidência. Relembro, só para o século XX, e entre muitos outros, os nomes de: Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, David Mourão-Ferreira, Miguel Torga, Manuel Alegre, Yvette Centeno, Vasco Graça Moura, Albano Martins.

Só por uma excecional capacidade de trabalho, por uma rara dotação de qualidade mental e por uma tenacíssima e esforçada vontade, foi possível ler, documentar e anotar um corpus tão alargado de autores, e encontrar neles a mensagem poética que vem do fundo dos séculos e se prolonga sempre criativa e renovada neste interminável desafio de Sísifo. É imprescindível, a este propósito relembrar a prevenção da autora, repetida nas suas aulas e retomada nos textos introdutórios, esclarecendo que os seus trabalhos, na busca das fontes clássicas, não procuram um regresso saudosista ao passado. O seu objetivo é o de reencontrar a permanência e a força dos valores que abrem o caminho e renovam os horizontes da humanidade que se transcende no sentido da esperança.

9.

Maria Helena da Rocha Pereira foi professora distinta entre os professores, e esse é um dos seus merecimentos maiores, porque cumpriu com plenitude uma longa carreira docente sempre zelosa, com dedicada, constante e profissional diligência, com probidade científica e pedagógica e com empatia e generosidade abundantes.

Quantos foram os alunos de Maria Helena da Rocha Pereira? E quantos foram e continuam a ser os alunos dos seus alunos? Não sabemos, mas foram e serão muitos milhares que receberam e continuam a repercutir os seus ensinamentos.

Os manuais escolares, as antologias de apoio e, de um modo geral os textos de extensão pedagógica ornamentam uma parte importante do seu catálogo bibliográfico. São obras de elaboração criteriosa, com apresentação e informação escolhida, incluindo traduções tersas e transparentes, de esmerada redação e recorrida competência linguística.

Os *Estudos de história da cultura clássica*, em volume duplo, o 1.º dedicado à cultura grega e o 2.º à cultura romana; e as antologias *Hélade* e *Res Romanae* dedicadas à herança cultural grega e latina tiveram um preenchido percurso editorial e ocupam na galeria da cultura geral portuguesa, um qualificado lugar de obras de referência, com plena e perene atualidade; e, o que mais é, oferecerão sempre inesperados e gratificantes momentos de leitura para os que não cultivam a ociosidade nem se comprazem na ignorância.

Um profícuo prolongamento da atividade docente, foi a sua colaboração em várias publicações enciclopédicas, divulgadas a partir das últimas décadas do século passado. Redigiu cerca de quinhentas entradas no domínio da sua especialidade. E não se julgue que se trata de meras notas de referência e de informação sumária. São, na sua maior parte, verdadeiros artigos, com notícia compendiosa, e um complemento de remissão bibliográfica especializada e abrangente. Baste um exemplo:

Entre as suas mais recentes colaborações, encontra-se a redação da entrada dedicada a "Virgílio", na *Biblos - Enciclopédia Verbo das literaturas de Língua Portuguesa*, com data de 2005. É um artigo denso, de sete colunas, nele se mencionam reminiscências do Mantuano em 24 autores portugueses, desde Vasco Fernandes de Lucena (final do séc. XV), passando por todo o cânone dos clássicos e modernos, dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX até Fernando Pessoa e David Mourão Ferreira.

"Ex digito gigas" diziam os antigos, pelo dedo se conhece o gigante. Por este exemplo se pode avaliar o seu contributo, discreto, mas de repercutido proveito, na difusão científica e cultural.

10.

A Professora Maria Helena da Rocha Pereira tem dado à Academia das Ciências uma indefetível colaboração e valiosos contributos em muitas reuniões académicas e em missões de representação, no país e no estrangeiro. Foi eleita

Académica Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa em 1975. Desde então participou ativa e proficientemente nas sessões da Classe de Letras. Em 1991 foi investida como Académica Efetiva, honrando a cadeira que já antes fora ilustrada e enobrecida pelos filólogos Gonçalves Viana, David Lopes e Lindley Cintra. Apresentou comunicações notáveis no domínio da história literária e da cultura portuguesas. Relembro a análise sobre "O herói épico e o herói trágico"; a leitura sobre "A tempestade marítima de *Os Lusíadas*", a notícia sobre "As Orações de Sapientia e a Universidade", a resenha sobre "A obra médica de Pedro Hispano" e, entre outros, um estudo com o título "A apreciação dos trágicos gregos pelos poetas e teorizadores portugueses do século XVIII", em que recupera a elaboração teórica mais brilhante e mais injustamente esquecida entre a, já por sua vez escassa, elaboração metaliterária portuguesa.

Entre os muitos serviços prestados, merece realce a colaboração nos trabalhos do Acordo Ortográfico e na elaboração do *Vocabulário Ortográfico Atualizado da Língua Portuguesa*, publicado em 2012. Nesta missão sacrificou tempo não contado e até algum cabedal, de que não esperou agradecimento.

11.

Maria Helena da Rocha Pereira cumpriu uma brilhante carreira universitária, desempenhou cargos de direção com autoridade acatada, discreta, sábia e subtil. Fez escola, com muitos continuadores, estudiosos e já agora conceituados.

Com naturalidade e justo merecimento foi galardoada com prémios muito honrosos, e agraciada com distinções honoríficas, nacionais e internacionais.

A sua obra científica e o seu compromisso académico e cívico ilustram uma presença singular, no horizonte cultural português. É uma pessoa muito importante. É uma Senhora da mais elevada aristocracia intelectual, que hierarquiza a superioridade do espírito, na comunidade e na consciência do tempo presente.

12.

Parece oportuno observar, em contraponto melancólico, que a sua relevância e proeminência se impõem como uma espécie de provocação, em que se confrontam o seu universo de saber e a sua visão do mundo com esta crise das ciências humanas, morosa e insalubre, que se repercute nas instituições académicas e na vivência coletiva, onde parece que se vão desprezando e perdendo os valores e

os saberes da herança ancestral, com o esvaziamento da memória, a obliteração das artes liberais, a desprogramação escolar do grego, do latim, da literatura, e da filosofia, e o geral vilipêndio da dimensão humanista e das ciências do espírito.

Que novos caminhos para a felicidade? que prazeres e que salvação? Que pressas e que abundâncias tem o nosso tempo, que tão levianamente desatualiza e desconsidera o legado clássico; secundariza a mensagem dos grandes autores, como lugar de encontro do pensamento coletivo; ignora e ridiculariza a erudição e a sabedoria de longo curso, que institui as sociedades cultas; degrada as artes elaboradas, que ornamentam a beleza e a harmonia do quotidiano; proclama a inutilidade do pensamento crítico e instruído e (desastrada andança!!!) desvaloriza e falsifica a palavra, desgosta-se do discurso, da conversação, e da leitura, que deveriam tecer, alimentar e robustecer a comunidade.

O espaço público de circulação da palavra está parasitado pelo discurso primário da propaganda partidária, quase sempre inonesta e condicionadora; e da competição desportiva, arte efémera, rica de paixões pobres, e indutora do vazio afetivo e emocional.

Precisamos desesperadamente de dar voz e tempo de palavra aos cientistas e aos criadores de arte, aos filósofos e aos poetas, e sobretudo aos mestres como (recomendável modelo!), tem sido a académica muito emérita Maria Helena da Rocha Pereira.

A sua carreira universitária, o "cursus honorum et laborum", a obra imensa, a lição de vida e de humanidade e sobretudo, o legado de bom pensamento, as ideias e as alegrias da inteligência, a consolação não só da filosofia, mas dos saberes que trouxe e ofereceu ao nosso mundo, tornando-o mais rico e mais interessante, mais próximo da felicidade entre os humanos; esta grande senhora, que tem preenchido uma existência exemplar, pautada pela inteligência, pelo saber e pelos parâmetros axiológicos, instituídos nos milénios de civilização de que nos louvamos; e que afirma a resistência do espírito e a superioridade da civilização universal, dos ideais imarcessíveis da beleza, da harmonia fecunda e criativa, e da bondade que aproxima os humanos das bem-aventuranças; esta prendada companhia da nossa contemporaneidade, Maria Helena da Rocha Pereira merece o nosso agradecimento, o nosso louvor, e a mais honorífica e encomiástica distinção dentre nós todos.

COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE LETRAS E DE CIÊNCIAS NA SESSÃO DE 30 DE MARÇO DE 2017.

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 1 DE ABRIL DE 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Vocabulário Ortográfico Atualizado da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2012.

CEREJEIRA, Manuel Gonçalves. *O Renascimento em Portugal. Clenardo e a Sociedade Portuguesa (com a tradução das suas principais cartas)*. 4.ª ed., vol. I. Coimbra: Coimbra Editora, 1974 (1.ª ed., 1917–1918).

DODDS, Eric R. *The Greeks and the Irrational*. Berkeley: University of California Press, 1951.

Miscelânea em Honra da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. *Biblos*. 1995, LXXI (3 vols.).

Miscelânea em Honra da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira. *Humanitas*. 1995, 47 (2 vols.).

PAUSÂNIAS. *Graeciae Descriptio*. Ed. Maria Helena da Rocha Pereira. 3 vols. Leipzig: B.G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1973,1977 e 1981 (2.ª ed., 1989–1990).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Concepções helénicas de felicidade no além: de Homero a Platão*. Coimbra: s.n., 1955 (Tese de Doutoramento em Filologia Clássica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Hélade: antologia da Cultura Grega*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1959 (10.ª ed., 2009).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte*. Coimbra: s.n., 1961 (Dissertação de Concurso para Professor Extraordinário do 1.º Grupo da 1ª Secção da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica – Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965 (12.ª ed., 2017).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Res Romanae: antologia da Cultura Romana*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1976.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. A Obra Médica de Pedro Hispano. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras*. 1977, XVIII, p. 193-208.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica – Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984 (12.ª ed., 2017).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. A Apreciação dos Trágicos Gregos pelos Poetas e Teorizadores Portugueses do século XVIII. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras*. 1984–1985, XXIV, p. 21-41. Também publicado em *Ensaios de Literatura e Filologia*. 1985, 5, p. 93-112.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. O Herói Épico e o Herói Trágico. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras*. 1984–1985, XXIV, p. 97-117.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Novos ensaios sobre temas clássicos na poesia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. As Orações de Sapientia e a Universidade. In: *O Humanismo Português, 1500-1600*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1988-a. p. 55-56 (Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. A Tempestade Marítima de 'Os Lusíadas'. Estudo Comparativo. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Letras*. 1990–1991, XXIX, p. 91-104.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Virgílio. In: *Biblos - Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2005. Vol. 5.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos sobre a Grécia Antiga: dissertações*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.